CONCLUSÃO

André Maurois enganou-se: *A Queda* foi a última palavra de Camus. A publicação de *O Exílio e o Reino* em 1957 não mostrou nenhum rumo nôvo do pensamento do escritor, que, em 1960, morreria num desastre de automóvel. Não se pode prever que rumo tomaria o seu pensamento, se a sua vida não fôsse trágica e inesperadamente ceifada.

As raízes da sua obra estão em *O Avêsso e o Direito* e *Bodas*. Nestes dois pequenos livros, estão anunciados todos ou quase todos os seus temas futuros. O próprio Camus disse no Prefácio que escreveu para uma nova edição de *O Avêsso e o Direito*: "Por mim, sei que a minha fonte está em *O Avêsso e o Direito*, nêsse mundo de pobreza e de luz em que vivi por muito tempo e cuja recordação me preserva ainda dos dois perigos contrários que ameaçam todos os artistas: o ressentimento e a satisfação". Nesse Prefácio, Camus chegou mesmo a afirmar: "Se, apesar de tantos esforços para construir uma linguagem e dar vida a mitos, não conseguir um dia tornar a escrever *O Avêsso e o Direito*, nunca terei conseguido nada", o que nos dá uma idéia da importância que êle próprio atribuía ao seu primeiro livro.

Charles Moeller aponta como "partes sólidas" da obra de Camus, *Bodas*, *A Peste* e *Os Justos*. O resto, diz êle, não escapa a um certo romantismo. Não me parece que Camus tenha sido um romântico. Não poderia ser um sonhador o homem que em plena ocupação nazista escrevia as suas *Cartas a um Amigo Alemão* e nos editoriais do *Combat* dirigia corajosos ataques aos exércitos hitleristas. Mas estou de acôrdo com Moeller quando êle diz que não podemos deixar de "estimar um homem que em meio ao nosso mundo da vigésima quinta hora, de náusea e de desprêzo do homem", afirmou que "há nos homens mais coisas a admirar que coisas a desprezar".

Virgílio e a Natureza

ROMEU PERÉA (*)

Poeta dos poetas do campo é, com justiça, proclamado Virgílio, no decorrer dos tempos, menos pela descrição de paisagens como pelo seu sentimento da Natureza.

Virgílio — observa Unamuno — "describió pocos paisajes, pero la sensación intima, profunda, amorosa, cordial del campo nos la dió como nadie.

"Tem-se afirmado que o sentimento estético da Natureza é um sentimento moderno, que nos antigos não estava mais do que esboçado, que é de origem romântica e não falta quem acrescente que o seu precípuo sacerdote foi Rousseau.

"Alguém, exagerando, chegou, inclusive, a insinuar que a Natureza foi descoberta para a Arte pelos modernos, e que para isso contribuiu o seu descobrimento pela ciência... e está fora de dúvida que o sentimento do campo se desenvolveu muito modernamente, como aconteceu com a música, mas não pode exagerar-se a tese.

"Os antigos eram pouco paisagistas: a paisagem para êles outra coisa não era que um meio para realçar o homem, mas a sentiam (1).

Temos disto um exemplo no próprio Lucrécio em quem Virgílio tanto se inspira.

Lucrécio dá provas, a cada momento, de profundo sentimento da Natureza, que observa com amor até nos mínimos

(*) Titular da Cadeira de Língua e Literatura Espanhola no Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, e autor de numerosos estudos filosófico-pedagógico-literários.

detalhes, mas sempre levando êsse sentimento para o homem — único que o preocupa.

Para mostrar que em meio à infinidade de sêres, cada um tem o seu destino e missão específica, nesta vida, nos apresenta "um vitelo que cai morto diante do altar, sob a faca do sacrificador, enquanto a mãe a quem roubaram o filho percorre o verde campo, examinando no solo o sinal dos pés forçados: lança os seus olhares para todos os lados na esperança de avistar o filho que perdeu, faz ressoar o bosque com as suas queixas incessantes e frequentemente retorna ao estábulo, atormentada pelo desejo de o rever.

Nem as ervas saborosas, nem a água corrente, nem os outros vitelos que pastam pelo prado, podem alegrá-la ou distraí-la" (2).

Guardemos, a esta altura, esta distinção fundamental: uma coisa é o sentimento da Natureza, e outra, muito diferente, a pintura da paisagem.

A limitação e retificação imposta por Unamuno à afirmação de Saint Beuve — afirmação difundida depois e aceita pela maioria — de que o sentimento da Natureza na Literatura era um sentimento moderno que teve comêço em Rousseau, foi categórica e definitiva...

Com esta sua atitude, ao mesmo tempo que revelava a sua inclinação para uma posição estética classicista, coloca-se Unamuno ao lado de seu grande e não superado Mestre — Marcelino Menéndez Pelayo.

"La descripción de la Naturaleza inanimada — escreve êste — solo debe aparecer en el Arte, como accesório y cual sirviendo de fondo a la figura humana" (3).

É o caso de Virgílio.

"Virgílio nunca olvida la figura humana en el fondo del paisaje", sentencia Lorenzo Riber.

El — como Homero — coloca siempre al hombre en primera linea, y si la Naturaleza le interesa es siempre en sus relaciones con él.

"Cuando nos presenta el pavoroso cuadro de un incendio que devora las mieses, o el de una avenida torrencial que devasta las campinas, cuida siempre de colocar en un sitio u otro, talvez sobre un otero vecino, a un labrador o a un pastor, atónitos ante el fragor del cataclismo arrollador y del incendio creciente" (4).

A contrária também é verdadeira.

Pereda — entre os modernos — "tan hábil y afortunado en describir el campo, apenas si lo siente". Amigo e confidente de Menéndez Pelayo, teria influído neste?

São de Menéndez Pelayo estas palavras: "describir por describir no se concibe en poesia". E porque "describir por describir no se concibe en poesia" condena Menéndez Pelayo "Las Soledades" de Góngora, o primeiro grande poema descritivo da literatura européia...

Conservai estas noções de paisagem e Natureza, e estas distinções entre pintura de uma e sentimento de outra, trazidas logo no início desta sumária introdução, como necessárias, uma e outra, para, com maior facilidade, penetrar no pensamento do Poeta a fim de podermos mostrar, depois, a conexão com o ensinamento de tôdas aquelas idéias civis, morais e religiosas que constituem o patrimônio da civilização romana, na idade de Augusto.

O texto que seguiremos, neste estudo, que será breve, mesmo porque não pode ser longo, devido às circunstâncias de tempo e lugar, é o de "Publii Virgilii Maronis Opera", pristino nitori restituta, cum notis & variis lectionibus ex codicibus & optimis exemplaribus, Parisiis, MDCCXC — sem deixar de mão tanto a abundante literatura grega e romana como os estudos fundamentais sôbre a experiência de Grécia e de Roma no mundo.

Do estudo comparativo destas fontes, examinadas em consciência, e da leitura paciente e percuciente dos versos imortais do Poeta é que nos serviremos para os elementos necessários à re-composição desta vida, nobre e generosa, e à re-consideração desta alma, grande entre as maiores que honraram a Humanidade.

A biografia de Virgílio escrita por Tib. Cláudio Donato, diga-se de passagem — biografia que precede a edição das suas Obras Completas e que constitui a fonte de inspiração de tôdas quantas se escreveram depois, não merece inteira confiança, porque gramáticos e editores, no decorrer dos tempos, nela colocaram a sua mão interpolando-a, de maneira a ninguém mais poder, com absoluta segurança, afirmar "quid Donati prodatur, nec ne".

Por um mosaico, recentemente descoberto, na África Proconsular, sabemos que Virgílio, com muita probabilidade, mas sem absoluta segurança, era fisicamente "pudoroso e melancólico, com um ar de campesino daquêles que pelo outono lançam sôbre o horizonte e o gesto augusto do semeador, com a vasta fronte despovoada, com a bôca larga e franca, feita à envergadura dos hexâmetros" (5).

Pobre de origem, passou a sua primeira infância em Cremona. Foi, depois, na sua juventude, para Milão, e de Milão a Nápoles — sua segunda pátria — onde estudou letras gregas e latinas, leu Tucídides, e se aprofundou em Epicuro, orientado e dirigido pelo filósofo Sirón.

Menos afortunado que Horácio que a-pesar de filho de um liberto conseguiu ir a Atenas, Virgílio não passou da Grécia de Itália (Nápoles) resignado, quem sabe, com o provérbio grego, traduzido para a língua latina "non licet omnibus adire Corintum", pois eram tão caros os prazeres em Corinto que nem todos podiam residir ali". E que aplicado ao nosso caso significa que é forçoso renunciar a muita coisa que ambicionamos por falta de meios ou recursos.

Quando aos 52 anos de idade corrigiu e limou, com muito cuidado e zêlo, a Bucólica e a Geórgica, e quis fazer o mesmo

com a Eneida para deixá-la, também, limada e acabada, entendeu ir a Grécia e ali passar três anos, para, depois, livre da poesia, entregar-se inteiramente à filosofia e às ciências mais importantes, foi que se deu o fim da sua vida...

Esta viagem a Grécia ficou na memória de todos, e a todos é lembrada pela emocionante Ode que Horácio escreveu.

> Nave que qual depósito
> nos deves a Virgílio, dos confins áticos
> devolve ilesa, peço-te
> e guarda carinhosa a metade de minha vida.

A nave — nós sabemos — foi infiel. Os ventos inimigos despedaçaram os votos de Horácio e... nunca mais lhe foi devolvida a "metade da sua vida".

Deixando de lado os Poemas menores sôbre cuja autenticidade nem todos são unânimes — e que poderemos estudar numa outra oportunidade — marcam as Églogas os seus primeiros e verdadeiros começos — começos que foram tão firmes e seguros — e dos quais nunca se afastaria — que podem considerar-se como os alicerces de tôda a sua obra futura, pois nas Églogas estão compreendidos todos, ou quase todos os elementos da poesia virgiliana, em geral, e das Geógicas, em particular.

Lendo-as com atenção e afinco podem vislumbrar-se as vicissitudes da sua vida, e os sentimentos da sua alma, naqueles anos moços e amargos, nos revela Lorenço Riber.

Como resultado da vitória de Filípo, comentam todos os historiadores, Otávio, de retôrno, (a Roma) entregou à Itália tôda a cobiça de seus veteranos.

Virgílio foi despojado de seu pequeno domínio súbita e violentamente...

Figuremo-nos, acentua, mais uma vez, Lorenzo Riber, dando-nos assim algumas notas de seu perfil psicológico e moral, uma alma delicada, amante do estudo, namorado duma paisagem sossegada e apacível e da musa pastoral da Sicília: uma

alma modesta e moderada, nascida e nutrida nesta mediocridade doméstica que torna tôdas as coisas mais sentidas e mais queridas: e ver-se tirada de tudo isto, privada desta possessão e desta paz, num dia inesperado, pela brutalidade de uma soldadesca vencedora!!

Virgílio conservou desta violência uma impressão imperecedoura e profunda.

Pode afirmar-se que a sua Política, a sua Moral pública e social, datam daquela ocasião. Uma melancolia natural e positiva foi a herança daquele incidente, e na sua memória ficou para sempre gravada aquela cena violenta e absurda.

E mais: êle a passou para a posteridade pela bôca de Melibeu:

"Quem te concedeu, Títiro, a fortuna de, sem perturbação, gozar da quietude da tua terra? pergunta Melibeu, logo na primeira Égloga.

Deus nobis haec otia fecit" responde Títiro (que é Virgílio).

Por isso, continua Títiro, aquêle que me garantiu contra as confiscações "erit mihi semper Deus".

Melibeu não mostra inveja, mas se surpreende de que em meio ao estrondo das armas seu amigo conseguisse tão elevado privilégio.

Títiro explica: esteve em Roma, a grandiosa cidade que "tantum alias inter caput extulit urbes — Quantum lenta solent inter viburna cupresi".

Foi resgatar-se em liberdade, e viu o jovem prodigioso que, primeiro que outro, a seu pedido, deu esta resposta:

"Pascite ut ante, boves, pueri: submititte tauros".

Portanto, conclui Melibeu: "tua rura manebunt?"

Tu envelhecerás aqui e gozarás de descanso "inter flumina nota et fontes sacros?"

Sim, responde Títiro, e isto por vontade do César...

A partir dêste momento sempre teve presente Virgílio a imagem de Augusto — ao contrário do outro pastor, Melibeu, que viverá afastado da sua terra, enquanto "Impius haec tan culta novalia miles habebit.

Barbarus has segetes".

A tragédia se apresentava ante êste, e triste era o futuro que o esperava, quando
"iam summa procul villarum culmina fumant
maioresque cadunt altis de montibus umbrae".
e re-pensa, com amargura na alma, nas inevitáveis consequências dos erros comuns, dos crimes coletivos, diríamos agora, "in quo discordia civis — produxit míseros".

Prefiram outros a 4ª das Églogas pelo conteúdo messiânico, ingênuamente atribuído a ela por numerosos comentaristas de Virgílio, eu fico com esta 1ª pelo seu valor profundamente humano, onde aparece a tragédia da vida e o drama dos campos, a luta entre aquêles que tudo sofrem e aquêles outros que nada sentem...

Compreende-se a admiração de Virgílio por Otávio, admiração que aqui aparece ao lado de seu sincero agradecimento que se apresenta forte e firme na mente e no coração e que terminará inspirando nêle o voto solene no Proêmio do livro terceiro das Geórgicas:

"Primus ego in patriam mecum modo vita supersit
In medio mihi Caesar erit templumque tenebit",
e que culminará com a glorificação de Augusto na Eneida:
"aurea condet saecula qui rursus Latio
regnata per erva, Saturno quondam".

Escritas — como se sabe — em épocas diferentes, e escritas — como é fácil averiguar — por diferentes motivos, as

Églogas, as Geórgias e a Eneida têm, entretanto, uma única finalidade — o Homem.

É para o homem que Virgílio canta a beleza da Natureza.

Para o homem, que ensina o cultivo da terra.

Para o homem, que prepara a grandeza do Império.

Tu régere imperio populos, romane, memento".

Lembra-te, romano,
de administrar o povo com a lei,
de estabelecer o rumo da paz,
de debelar os orgulhosos,
de poupar os humildes.

Não é um panegírico direto, pois vindo do complexo humano e do espírito e coração de Virgílio, de maneira alguma poderia ser aceito.

Adverte os Romanos que se certifiquem de que governem bem.

Cêrca de século e meio depois de Virgílio, uma das muitas dúvidas que atormentavam o historiador Tácito dizia respeito a êste assunto: eram justificadas as ofensas de que os provincianos se ressentiam? (6).

E tendo como única finalidade o Homem — em tôdas as suas dimensões — nada surpreende a unidade que domina em todos os escritos virgilianos.

Do cultivo da terra, vem a abundância.

Da abundância, a prosperidade procede.

Da prosperidade, nasce a soberania.

Da soberania, segue-se o domínio sôbre os povos.

Do domínio, a obrigação de impor condições, estabelecer a paz, fruto da justiça, dentro da ordem.

Êste era o espírito de Virgílio, espírito que Carducci lembrava em momento solene e em nobilíssimo discurso:

"Oh italiani, sollevate e liberate l'agricultura, pacificate le campagne.

Caccitate la fame dei solchi, la pellagra dai corpi, la torva ignoranza dagli animi.

Pacificate le campagne e i lavoratori.

E l'aquila romana ancora una volta rimetterá le penne e guidará sui monti e sui mari il nostro diritto e le vitoriose armi d'Italia victorisque arma Quirini" (7).

E no mesmo discurso:

Um senso superiore della vita, una coscienza purissima del buono e del bello, una umanitá delicata e commosa, anima quella divina poesia, che pare affreti nella realtá e sogni giovanili cantati in riva al Mincio:

Magnus ab integro saeclorum nascitur ordo.

Eppure all'impero del mondo se seguirono biechi e sanguinosi, Tiberio e Caligola. Ma anche Gesu Cristo. Da allora i secoli ammirano il poeta mantovano a guisa del suo Cycno abandonar la terra e seguir le stelle co'il canto:

"linquentem terras et sidera voce sequentem".

Está aqui, em síntese, todo o espírito de Virgílio.

Estão aqui os seus sonhos e aspirações, que não foram dirigidas nem por Mecenas, nem por Augusto pois êle não teria sido o Poeta que foi — e o filósofo e o técnico — se, na realidade, tivesse escrito poesia por obedecer, ou seguir a voz de um comando qualquer, e não a inspiração que o seu gênio e, sobretudo, o seu coração elevaram e sublimaram.

Virgílio, consciente do que pode a poesia didática quando interpreta uma grande idéia, pensou numa obra que fôsse conforme ao ambiente e ao momento, que agradasse a Augusto

e seu Ministro, e seguindo o exemplo de Lucrécio cantou a Natureza com alma de filósofo e poeta ao mesmo tempo.

"Tentanda via est qua me quoque possim

Tollere humo victorque virum volitare per ora".

A agricultura fôra nos primeiros séculos de Roma a fonte principal da riqueza, da prosperidade moral e da fôrça política.

Tempos de grande abundância aquêles nos quais a Itália podia, e se bastava por si mesma, para sustentar seus próprios filhos.

Fortes e resistentes no trabalho, simples e contentes com pouco, os antigos romanos passavam a vida a cultivar seus campos; mas aquêles sóbrios citadinos constituiam o nervo dos exércitos e o cérebro das Assembléias, e tinham por máxima, na sua vida, que da Agricultura é que se tiravam os lucros mais honestos e que aquêles que a ela se dedicavam tinham pensamentos de justiça e saúde moral.

Esta, a tese de Virgílio, tese que foi depois abandonada, — abandono que foi a causa do desmantêlo que, mais tarde, cairia sôbre o povo de Roma, e sôbre outros povos da terra. Ainda agora nós nos lamentamos da situação em que se encontra a agropecuária, e todos nós sabemos que a maioria dos ataques dirigidos contra a Sudene é no sentido de esta ter abandonado aquela.

Como Juvenal, com as suas Sátiras, deixou-nos Virgílio uma Sociologia Política, ou melhor, uma Política Agrária e uma Moral Social, e ainda uma Política Humanística, ensinando-nos, sobretudo, a cooperação humana para a paz universal — cooperação que êle tomara de Cícero, mas que êle iluminou com profundamente sentida humanidade emocional e com não superada ternura.

Como imprimiu inigualada expressão aos trabalhos, sofrimentos e esperanças de tôda a raça humana.

Esta universalidade da mensagem de Virgílio aparece tanto nas Églogas como nas Geórgicas.

Nas Églogas, a primeira e a nona ultrapassando o seu tema pastoral, narram as misérias e destruição da guerra civil.

Nas Geórgicas, o livro quarto ergue-se muito acima do mundo campestre.

A vida das abelhas que ostensivamente consitui o seu tema, é tratada com êsse incompatível entusiasmo virgiliano que no meio de um povo que estava longe de ser compassivo, fere uma nota tão pungente e distinta.

Vivendo as suas organizadas vidas, cheias de dramas e batalhas, as abelhas fornecem um comentário patético e heróicômico das perturbações dos seres humanos.

A mesma universalidade aparece na Eneida, onde o Poeta à certa altura exclama: *"Farei que todos sejam latinos"*...

.....

Pouco ou nada, diremos para terminar, aproveita o estudo das belezas puramente literárias de uma obra antiga, se não se levanta com êle o quadro dos costumes e o panorama da vida social de que êle é a manifestação e, ao mesmo tempo, o documento.

É a lição de Virgílio, sobretudo nas Geórgicas, de que nos ocupamos de preferência, por ter sido êste o tema que se nos confiou, e aquela que nelas vem expressa, isto é, a forte necessidade de crer, mesmo depois de termos visto quase que submergir a ordem moral; crer num retôrno à bondade humana através das doces e purificadoras emoções que só pode dar o campo; crer ainda no advento de uma paz mundial; e numa paz individual, também, mesmo que seja num recanto, perdido e solitário...

"O fortunatos nimium, sua si bona norint,
agricolas".

Horácio se construiu, ou desejou, ao menos, para si, um monumento mais duradouro que o bronze.

Virgílio preferiu "um templo de mármore / sôbre a verde grama".

Eu não sei se essa civilização que está aí, na sua fúria, quererá um dia destruir o monumento de Virgílio, isto é a sua memória.

Mas em caso afirmativo, permiti que eu peça para êle desde agora, aquilo que êle pediu para Troia, na véspera de ser destruída — o direito de ser enterrado, ao menos com o seu próprio nome...

BIBLIOGRAFIA

1 — Emilio Orozco Dias, Sobre el sentimiento de la Naturaleza en la poesia española. Rev. de Ideas Estéticas, nº 93 (1966) pp. 3 y ss.

2 — Lucrecio, Da Natureza, Ediç. Ouro. MCMLXVI, p. 89.

3 — Emilio Orozco, l. c. p. 5.

4 — Lorenzo Riber, Obras Completas de Públio Virgílio Marón y Quinto Horácio Flaco, Ed. Aguilar, Madrid, 1941, p. 8.

5 — Lorenzo Riber, l. c. p. 9.

6 — Michael Grant, O Mundo de Roma, Lisboa, 1967, p. 67.

7 — Carducci, Per l'inaugurazione d'un monumento a Virgilio, in Pietole, Prose, p. 1092.

MARIA JUDITE
DA COSTA LINS

POEMAS PREMATUROS

REVISTA ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS
Vol. II — Nº 2 1971
RECIFE